



## **Gabinete do Arcebispo Primaz**

---

### **HOMILIA**

*Ref. HML\_21/2017*

---

*Homília na Peregrinação  
ao Santuário de N. Sra. da Penha*

*Guimarães, Penha, 10.Set.2017, 11h*

### **Esperança no mundo atónito**

A peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Penha acontece sempre num momento em que, como Igreja Arquidiocesana, fazemos um exercício de retrospectiva e de programação pastoral. Termina um ano pastoral e logo outro recomeça. Revemos, ou devemos rever, em que medida as nossas comunidades assumiram os projectos delineados e propostos. Abrimos a responsabilidade eclesial a novos desafios e programações.

Vimos de um quinquénio dedicado à redescoberta da nossa identidade cristã. O resultado esperado era o da alegria de nos assumirmos discípulos missionários. Partimos, agora, para uma nova aventura onde, alavancados por uma fé interiorizada, assumimos o compromisso de despertar a esperança. Este é um imperativo inadiável para as comunidades paroquiais, movimentos e associações. Pretende-se mostrar que hoje é o tempo favorável, o tempo da esperança. Um tempo onde, como diz a Escritura, “esperamos contra toda a esperança” e não permitimos que nos roubem a esperança. São verdades de fé intensas que, a longo prazo, nos permitem alcançar a meta de uma Primavera de esperança na Arquidiocese. São muitos os lamentos, os presságios e um temor persistente que não tranquiliza ninguém. Os céus são sombrios e não podemos distrair-nos com alienações e emoções passageiras.

Há duas realidades que se interligam nesta procura de uma primavera de esperança. Em primeiro lugar, sermos uma Arquidiocese de esperança. Isto significa libertarmo-nos de saudosismos e apegos ao passado como se fossem um refúgio para evitar perigos. Devemos, pelo contrário, ser comunidades abertas ao futuro desconhecido e uma família onde Cristo habita e está presente. O mar das vidas pessoais ou das realidades sociais pode apresentar-se agitado e ameaçado. Pode até parecer que Cristo adormeceu na barca e que não poderemos contar com Ele. Mas Ele está vivo e bem presente em todos os momentos. Importa aproximar-se e criar a capacidade de escutar a Sua Palavra para nos sentirmos ancorados e marcados pela alegria, mesmo que de difícil alcance. Nada nos poderá separar deste amor que entrelaça as nossas vidas e faz com que ousemos acreditar que o amanhã dos problemas é sempre a ressurreição festiva. Deus é maior que todos os contratempos.

Ser uma Arquidiocese de esperança permite-nos ter uma visão positiva sobre o mundo. Os acontecimentos negativos e de dor transformam-se em graça retemperante, mesmo que mergulhados em coisas que parecem não ter sentido. Quando Cristo é o sentido último do nosso existir conseguimos falar das maravilhas que acontecem. Não podemos, por isso, ser adeptos das crónicas negras. Vendo mais longe, mesmo as lágrimas de sangue a escorrer pelas nossas faces podem tornar-



se o local onde o sol do amor divino bate para resplandecer em cores de serenidade e de confiança. Necessitamos desta visão positiva e de usar uma linguagem que contagie e motive para um recomeçar, com ousadia, novas etapas.

Em segundo lugar, necessitamos que a esperança da Igreja abrace o mundo e os seus mil e um problemas. Na verdade, a esperança não pode ser um vago sentimento mas antes um chamamento de Deus que não se contenta com uma experiência passiva de libertação. Ela não é uma mera comodidade de um oásis mas o risco de quem caminha no deserto para o transformar em espaço de alegre fraternidade. Inseridos no mundo das realidades humanas, não aceitamos a tentação da resignação e acolhemos o desafio de cada dia explorar a resposta. Para que a esperança seja oferecida a quem necessita, nunca poderemos olhar apenas para o trabalho daqueles e daquelas que caminham connosco. Ninguém nos substitui. Cada um é um intérprete único da esperança que se oferece.

Se a Igreja se afirma pela esperança que saboreia, hoje impor-se-á a pela esperança que oferece a tantos corações dilacerados e presos aos problemas e dificuldades. Queremos ser uma Arquidiocese de esperança. São Paulo recordava isso mesmo na segunda leitura. “Nenhum de vós vive para si mesmo. Quer vivamos quer morramos pertencemos ao Senhor.” Não nos pertencendo, valem por aquilo que somos capazes de transformar na vida dos outros. Também o Evangelho fala do perdão oferecido que pode tranquilizar muitas consciências. Quanta esperança pode ser oferecida através do perdão que damos oportunamente. O perdão é só um exemplo e um sinal. Muitos outros encontraremos se estivermos minimamente atentos.

Esta esperança experimentada e oferecida tem de ser procurada e trabalhada. Daí que para este novo triénio proponhamos a constituição ou revitalização de grupos em todas as paróquias, a que chamamos “Grupos semeadores de esperança”. Partindo de subsídios elaborados para o efeito, “procura-se crescer no discipulado, promover um sentido de relação pessoal com Jesus Cristo e um desejo explícito de o seguir na vida diária”. Aí, em unidade e espírito de abertura a Palavra de Deus, responderemos à pergunta do Papa Bento XVI: “Chegou momento de nos colocarmos explicitamente a questão: para nós, hoje a fé cristã é também uma esperança que transforma e sustenta a nossa vida?”. No grupo faremos uma experiência comum com Cristo na certeza de apenas a partir Dele algo de novo pode acontecer. “Certamente não nos move a esperança ingénuo de que possa haver uma fórmula mágica para os grandes desafios do nosso tempo; não será uma fórmula a salvar-nos, mas uma Pessoa, e a certeza que Ela nos infunde: «Eu estarei convosco!»” (NMI 29).

Peço, por isso, à Senhora da Penha que se multipliquem os grupos de oração e reflexão em todas as paróquias. Os cristãos empenhados deverão associar-se e convidar outras pessoas para interiorizar o que a esperança supõe e o que ela oferece. Deixo o desafio: não haja nenhuma paróquia sem um ou mais grupos semeadores da esperança. Poderão ser a confirmação de uma Arquidiocese que se quer rejuvenescer e renovar. O espírito falará e a mudança acontecerá como um perfume que vai permeando o tecido da sociedade e da Igreja.



Aceitemos este desafio e prestemos atenção ao novo programa pastoral. É um dom de Deus. Não o desperdicemos.

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*